

## A arquitetura moderna em Belém como objeto e documento de investigação: da invisibilidade ao reconhecimento

DOI: 10.20396/labore.v14i0.8663470

Arquitetura, Cidade e Documentação

Comitê Nacional de Documentação do Icomos Brasil

**Celma Chaves**

<<https://orcid.org/0000-0003-3437-3844>>

Universidade Federal do Pará / Belém [PA] Brasil

**Bernadeth Beltrão**

<<https://orcid.org/0000-0003-0180-242X>>

Universidade Federal do Pará / Belém [PA] Brasil

**Rebeca Dias**

<<https://orcid.org/0000-0003-2371-0286>>

Universidade Federal do Pará / Belém [PA] Brasil

### RESUMO

Neste artigo, expõem-se os resultados parciais da pesquisa em desenvolvimento sobre as transformações na cultura arquitetônica em Belém em sua fase moderna (1940-1980). O artigo estrutura-se em três seções: a primeira refere-se aos procedimentos teóricos e metodológicos adotados para a análise das obras; a segunda, aborda o campo profissional em que engenheiros e arquitetos produziram algumas das obras aqui enfocadas, com uma breve análise dos processos de transformação nos seus usos e em sua materialidade; e a terceira parte trata desses edifícios considerando desaparecimentos, invisibilidades, a urgência de sua proteção e da construção de sua memória histórica, entendendo-os no interior de uma estrutura socioeconômica e cultural, muitas vezes adversa às lógicas de sua valorização e salvaguarda. Evidenciam-se neste escrito os percursos adotados para registrar, analisar e divulgar essa arquitetura, em busca de seu (re)conhecimento como fonte da memória e história de Belém.

### PALAVRAS-CHAVE:

Belém. Arquitetura moderna. Reconhecimento. Invisibilidade.

### **Modern architecture in Belem [state of Para, Brazil] as an object and document of research: from invisibility to recognition**

### ABSTRACT

This paper shows the partial results of the ongoing research regarding the transformations in the architectural culture in the city of Belem [state of Para, Brazil] in its modern phase (1940-1980). The article is structured in three sections: the first refers to the theoretical and methodological procedures adopted for the analysis of the buildings; the second, deals with the professional field in which engineers and architects produced some of the buildings presented in this paper, with a brief analysis of the processes of transformation in their uses and in their materiality; the third part discusses these buildings considering their disappearances, invisibilities, the urgency of protection and construction of the historical memory of these buildings, understanding them within a socioeconomic and cultural structure, often adverse to the logic of architectural valuation and safeguarding. The paths adopted to record, analyze, and disseminate this architecture are highlighted, in search of its recognition as a source of memory and the history of Belem [state of Para, Brazil].

### KEYWORDS

Belém. Modern Architecture. Recognition. Invisibility.

## 1. Introdução

Durante os últimos anos, o Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (Lahca/UFPA), vem desenvolvendo pesquisas sobre a cultura arquitetônica e a historiografia da arquitetura moderna na Amazônia brasileira, especialmente no estado do Pará. Abordam-se, entre outros temas, processos constituídos desde o final dos anos 30 até os anos 80 em Belém (e mais recentemente em municípios próximos à capital), alinhados à modernização arquitetônica, cujas expressões apresentam distintas experiências construtivas: arquitetura residencial, arquitetura pública, mercados e edifícios institucionais.

A pesquisa específica sobre a arquitetura moderna em Belém que se desenvolve desde 2010, vem demonstrando que sua produção, considerada isoladamente ou como conjuntos edificados, alterou consideravelmente a paisagem da cidade e contribuiu para a construção de novos espaços, desempenhando um importante papel identitário, principalmente em algumas áreas como o eixo compreendido pelas Avenidas Presidente Vargas, Avenida Nazaré e Avenida Almirante Barroso e suas adjacências (Lima & C. Chaves, 2020).

Em face das persistentes ações de destruição que se presenciam em relação às obras modernas, as investigações realizadas buscam reconhecer e assegurar o valor desses edifícios como patrimônio arquitetônico, possibilitando ações de conservação e proteção, em prol de sua integridade física como recomendado nas Cartas Patrimoniais. Ademais, vislumbra-se disseminar com esses estudos, um entendimento do valor dessas arquiteturas mais além de meros objetos materializados nos espaços da cidade, tampouco evocando diretrizes para sua preservação como objetos congelados, mas, sobretudo, entendendo-os como parte uma complexa teia urbana, social e cultural em constante transformação.

Neste artigo, expõem-se os resultados parciais desta pesquisa em desenvolvimento, na qual novos materiais, documentos, histórias e testemunhos vão sendo incorporados às análises e às interpretações, que estão em constante processo de construção. Ao agregarem-se novas fontes de pesquisa, novos olhares são acrescentados aos já explorados, enriquecendo a compreensão da experiência do moderno em Belém (C. Chaves, 2016), com a revelação de novas camadas interpretativas.

O artigo estrutura-se em três seções. A primeira refere-se aos procedimentos teóricos e metodológicos adotados para a análise das obras; a segunda aborda o campo profissional no qual engenheiros e arquitetos produziram algumas das obras aqui enfocadas, com uma breve análise dos processos de transformação nos seus usos e em sua materialidade; a terceira parte trata desses edifícios considerando os desaparecimentos, a urgência de sua proteção, e a construção de sua memória histórica, entendendo-os no interior de uma estrutura socioeconômica e cultural, muitas vezes adversa às lógicas de sua valorização e salvaguarda.

## 2. Teorias e métodos de uma pesquisa em processo

Busca-se examinar um conjunto de obras modernas produzidas em Belém, tendo como base algumas pautas que compõem o escopo epistemológico e metodológico em Gastón e Rovira (2007), reconhecendo-se que na produção, recepção e difusão dessa arquitetura, articulam-se um campo (Bourdieu, 1989, 2006; Stevens, 2003; Brant, 2012) de atuação profissional, cultural, política e social, que revela as dinâmicas de transformação na história urbana de Belém.


Toma-se, ademais, como perspectiva analítica na leitura dessas arquiteturas, a visão crítica tafuriana sobre a historiografia da arquitetura, ao enquadrar em dupla função, processos que considera inerentes à sua produção: por um lado, inclui nos processos que condicionam a face “concreta” da invenção projetual, a autonomia das escolhas linguísticas e sua função histórica como capítulo de uma história geral do trabalho intelectual e de seus modos de recepção; por outro lado, insere a história da arquitetura na história geral das estruturas e das relações de produção, reagindo ao desenvolvimento do trabalho abstrato (Tafuri, 2011).

Assim, ao abordar a produção e transformação da arquitetura moderna aqui examinada, consideram-se os fatores que possibilitaram sua materialização como obras de profissionais em seu tempo, bem como a estrutura em que se inserem, que pode muitas vezes impulsionar seu aparecimento, mas também promover sua destruição, como mostram os episódios mencionados na última parte do artigo.

A arquitetura moderna é, em si mesma, uma expressão ambígua, já apontou Colquhoun (2005). O autor afirma ainda que ela pode ser entendida como referência a todos os edifícios do período moderno com independência de seus fundamentos ideológicos ou pode ser entendida de um modo específico, como uma arquitetura que é

consciente de sua própria modernidade, e que luta a favor de mudanças. Partindo dessas premissas, entende-se que estudar a arquitetura moderna em uma região da Amazônia brasileira, com suas particularidades, bem como por estar imersa em um processo de globalização que dilui essas particularidades, é admitir essa ambiguidade, ainda que se entenda que sua constituição passa pela recepção e adoção de princípios já conhecidos e apontados por diversos estudos sobre a arquitetura moderna e suas expressões construtivas (Colquhoun, 2005, p. 9).

As reflexões sobre os sentidos da arquitetura moderna em Belém, a natureza de sua produção, os caminhos para seu (re)conhecimento, sua valorização e proteção, relacionam-se tanto à ação de pesquisar, como de interpretar fontes e dados levantados nesse percurso. Porém, a inexistência de projetos originais sobre os quais se debruçar, era um desafio. Este fato mudou quando em 2016 o laboratório recebeu das mãos do engenheiro Antônio Couceiro<sup>1</sup> – antigo sócio do engenheiro e arquiteto mais prolífico a atuar na cidade, Camillo Porto de Oliveira (1923-2004) – um acervo de extrema relevância para a pesquisa sobre a arquitetura moderna (Figura 1). Somando 121 itens, entre novas construções, reformas, e ampliações, este acervo de pranchas apresenta obras produzidas entre as décadas de 1940 e 1970, com cerca de 40% não datadas. Desse grupo, 71 são residenciais, 27 institucionais, 15 comerciais e 8 de serviços.



	A	B
1	CLIENTE	DR. RENATO CHALÚ PACHECO
2	IDENTIFICAÇÃO	PRÉDIO RESIDENCIAL
3	DATA	NOVEMBRO DE 1963
4	ENDEREÇO	AV. DR ALCINDO CACELA COM A RUA DIOGO MOYA
5	DESENHO	
6	PRANCHAS	01 - VISTA EM PERSPECTIVA
7		VISTA FRONTAL
8		02 - SECÇÃO "C-D" "E-F" "G-H"
9		03 - SITUAÇÃO
10		FACHADA PRINCIPAL
11		LOCAÇÃO E COBERTURA
12		SECÇÃO "A-B"
13		04 - PLANTA BAIXA
14		05 - PLANTA DO RÉS DO CHÃO
15		06/07- LEVANTAMENTO DE UM TERRENO

**Figura 1.** À direita, acervo de pranchas técnicas de Camillo Porto doado por Antônio Couceiro. À esquerda, sistematização digital do acervo. Fonte: Acervo Lahca/UFGPA, 2016

Esse quantitativo é interessante na medida em que informa a preponderância da tipologia residencial, confirmando a máxima já constatada pela historiografia sobre a arquitetura moderna, de que a casa foi o palco onde os arquitetos puderam exercer sua liberdade projetual nesse período, e que expressavam os princípios fundamentais da modernidade (Hernández, 2014; Norberg-Schulz, 2005; Kamita, 2004). E em Belém, a residência moderna afirmou-se como o *locus* das novas propostas de morar, compondo o *habitus* (Bourdieu, 1989, 2006), que como diz Stevens (2003) “é um conjunto de disposições interiorizadas que induz a pessoa a agir e reagir de determinadas maneiras e é o produto final do que a maioria das pessoas chamaria de socialização e enculturação” (Stevens, 2003, p. 70), em que grupos sociais emergentes buscavam afirmar-se. A casa, passou a ser, ela mesma, o novo símbolo de um novo modo de morar desses grupos.

Portanto, o acesso aos projetos das casas e de outras tipologias dessa produção moderna, apesar de limitar-se ao acervo de um único profissional, permite caracterizar o perfil dos clientes que encomendavam as obras, e as referências e tendências que Camillo Porto comumente apresentava na sua produção. Assim, essa documentação oferece um resgate da memória e da história, as quais descortinam aspectos do desenvolvimento da sociedade (Le Goff, 2012), porque se reconhece nela o alcance, as limitações e até mesmo as exclusões que ela pode revelar.

A questão do documento já ocupou, em vários momentos, o centro dos debates no campo da história. A partir da noção alargada de documento, desenvolvida no século XX pelos historiadores da Escola dos Annales, a

<sup>1</sup> Agradecemos especialmente ao engenheiro Antônio Couceiro, pela disponibilidade e pelos gentis compartilhamentos de materiais e relatos orais, que tanto enriquecem a pesquisa.

definição do que vem a ser um documento histórico ultrapassou a questão colocada anteriormente pela escola “positivista” ou “metódica”, centrada na questão da autenticidade do documento como condição para ser considerado fonte histórica. Isso implicou uma profunda alteração do uso e conceito de documento histórico, como consequência do surgimento de novos campos e temas dos estudos históricos (Karnal & Totsch, 2017, pp. 14-15).

No caso das arquiteturas aqui enfocadas, trata-se de apresentar como documentos não apenas as pranchas com os projetos originais de um autor, mas também a própria arquitetura, seja ela existente, materializada ou a que já foi destruída, tomando a arquitetura como fonte e objeto da pesquisa. Além disso, informações relevantes sobre as casas do Camillo Porto, como datação, cliente a quem se destinou, ou seus primeiros proprietários, vieram e continuam a ser recebidas de fonte oral, do seu antigo sócio Antônio Couceiro.

Convém também acrescentar que o conceito de documento adotado neste artigo, está alinhado à noção assinalada por Waisman (2013, p. 14) quando afirma que “documento é tudo aquilo que pode contribuir para esclarecer e completar as características históricas de um objeto de estudo que, por sua vez, constituem o monumento”. Embora partindo de uma visão mais alargada do que seja documento, a noção que Le Goff (2012) coloca sobre documento/monumento não contraria o significado que Waisman dá aos termos. Diz o autor:

*[...] todo documento é monumento, pois todo documento é fruto de escolhas e intenções de quem o elabora, sendo assim um ponto de vista parcial da história. [...] O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (Le Goff, 2012, pp. 519-520).*

Desta forma, a pesquisa em desenvolvimento parte do entendimento do edifício com suas características históricas e físicas que o colocam na condição de documento/monumento, no tempo presente. A obra, assim, apresenta várias possibilidades de leitura, abrindo um vasto campo de interpretação no processo da investigação histórica. É nesse percurso de “ler” os projetos originais, realizar seus redesenhos, relacioná-los à outras obras construídas, buscar evidências de transformações e permanências, que se constrói uma rota para conhecê-la, valorizá-la e possibilitar sua preservação.

As pautas de investigação de Gastón e Rovira (2007) oferecem parâmetros de análise relacionado à configuração do edifício, programa, componentes básicos do projeto etc. (Figura 2).



**Figura 2.** Exemplo de roteiro de análise baseado em Gastón e Rovira (2007).  
Fonte: Roteiro elaborado por Rebeca Dias, 2015; Redesenho: Acervo Lahca/UFPa, 2013

Porém, em alguns casos, não foi possível identificar certos elementos e analisá-los, já que se constatou que muitas pranchas estavam incompletas, fosse pela ausência de dados importantes sobre os projetos, ou em



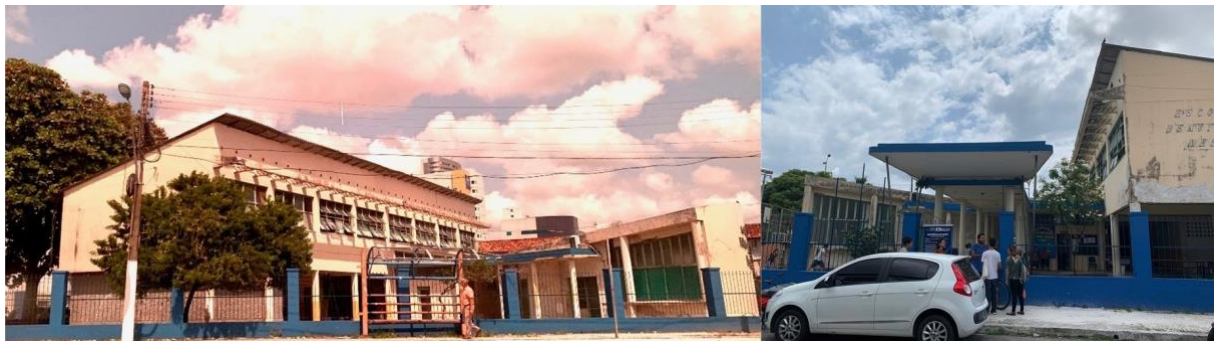
decorrência de seu péssimo estado de conservação, comprometendo, assim, a análise de alguns dos aspectos abordados no livro. Dessa forma, foi necessário extrapolar os limites que essas pautas e os documentos de projeto disponíveis oferecem, e buscar no testemunho oral e nas edificações ainda existentes, os possíveis novos dados de interesse à pesquisa.

### 3. As transformações do moderno entre arquitetos e engenheiros

Ao longo da década de 1950, reforçou-se um discurso desenvolvimentista que alimentaria processos de modernização de centros urbanos em nível nacional e local, a partir de diretrizes expressas do governo central e estadual. Para uma cidade em renovação, um novo cenário construtivo – o trabalho dos engenheiros e arquitetos, então, ganharia cada vez mais notoriedade. Esse olhar sobre o campo profissional no qual se dá a consolidação das obras modernas, os debates realizados na academia, o processo conceitual do projeto, as condicionantes socioeconômicas envolvidas naquela produção, todos são indicadores fundamentais das particularidades da cultura arquitetônica de Belém entre os anos 1940-1980, período das obras examinadas neste artigo.

Os parâmetros incorporados ao fazer construtivo pelo grupo de profissionais atuantes em Belém nesse momento, direcionava-se à uma sintetização formal, liberada de elementos alheios à função do edifício. Assim, por questões de economia, de segurança e de utilidade, as obras projetadas na cidade, naquele período, vinculavam-se a aspectos de racionalização construtiva (C. Chaves, 2013, p. 11). A disponibilidade de materiais de construção e os aportes financeiros (públicos ou privados) às obras, condicionavam, em grande parte, a continuidade da atividade construtiva. No caso de obras institucionais, as condicionantes eram também simbólicas: os edifícios deveriam representar os anseios de modernização administrativa, e de renovação da imagem da cidade.

Foi o caso da Escola Municipal Benvinda de França Messias (Figura 3), inaugurada em 4 de julho de 1952 com o nome de “Escola Estados Unidos”, edifício que faz parte do conjunto do IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários), inaugurado na mesma época. Nas entrelinhas dessa descrição, lê-se um Estado provedor de habitação e de educação, mas em cada uma dessas ações, estariam propagandeados seus anseios desenvolvimentistas. No caso da escola, não só em seu projeto pedagógico, como também na escolha da linguagem arquitetônica do edifício.



**Figura 3.** Escola Municipal Benvinda de França Messias (1952), de Edmar Penna de Carvalho. Fonte: Celma Chaves, 2019.

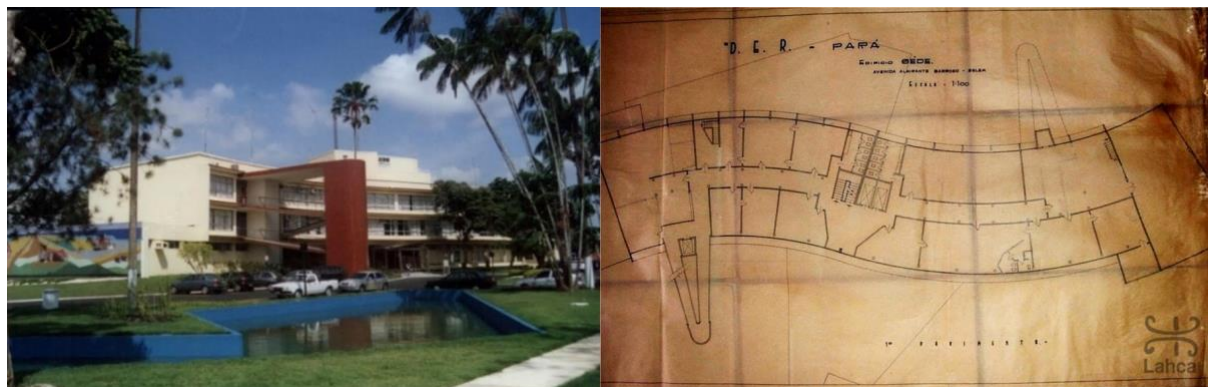
Destacam-se no edifício a geometria livre da marquise, os pilotis que suspendem com leveza o prédio e criam um vasto espaço livre de convivência, os planos inclinados na cobertura, consolidadas no conhecido telhado inclinado em V, um arquétipo da arquitetura moderna. A rampa e o volume semicircular do auditório propiciam um jogo de massas interessante. As soluções de iluminação e ventilação da escola, a partir dos inúmeros cobogós, são emblemáticas da arquitetura moderna e favorecem a condição de melhor sensação térmica no edifício. A escola é tombada pela Fundação Cultural do Município de Belém (Fumbel), no entanto, vem sofrendo reformas que alteram cada vez mais suas formas originais e continuamente a descaracterizam.

Questiona-se, portanto, se o tombamento é um instrumento de salvaguarda, por si só, capaz de evitar o apagamento dos edifícios modernos. Os horizontes de resposta apontam para a necessidade de uma educação patrimonial mais ampla, que potencialize a relação identitária entre a população e essas obras, pois “[...] embora o olhar do técnico ou dos estudiosos sempre tenha sido o da qualidade de um ponto de vista erudito, o olhar da população que garante a preservação” (Naslavsky & Marques, 2011, p. 9). Logo, o reconhecimento da arquitetura moderna deve ser uma ação de múltiplos protagonismos.

Desejo de renovação, racionalização construtiva: dois elementos presentes tanto nas vanguardas modernistas da arquitetura quanto na atividade prática local. Assim, a produção arquitetônica se aproximava daquela nova linguagem, de maneira menos ou mais pujante, menos ou mais consciente. Este fato revela que, em cidades como Belém, as formas construídas se antecipavam aos processos, confirmando a autonomia relativa da forma

arquitetônica e da arquitetura como disciplina (Gorelik, 2011, p. 11), particularidade observada também nos processos de modernização de outras cidades latino-americanas, conforme afirma Gorelik, pois apesar de nem sempre terem experimentado as mudanças estruturais que impulsionaram a modernização em centros urbanos globais, as expressões culturais decorrentes dessas grandes mudanças, ainda assim, eram visíveis.

O projeto da Secretaria Executiva de Transportes (Setran-PA), antigo D.E.R.<sup>2</sup> (Departamento de Estradas e Rodagem) também foi emblemático nesse período, destinado a um dos órgãos com mais prestígio na esfera federal, por tratar da ligação entre municípios e estados. Entende-se o porquê dessa valorização quando se atenta à data deste projeto (Figura 4): ano de 1957, em pleno ímpeto rodoviarista que tomava o país e o estado. A infraestrutura viária é um indicador de modernização de uma cidade, e, portanto, demandava um aparato instrucional que refletisse modernidade.



**Figura 4.** Sede da Setran-PA/Edifício Affonso Freire (1957), de Camillo Porto de Oliveira. À esquerda, foto da fachada. À direita, planta baixa do primeiro pavimento (projeto original). Fonte: Celma Chaves, 2004 (foto); Acervo Lahca/UFGA, 1957 (planta baixa original).

Deste modo, Camillo Porto recebe o encargo da construção da sede deste órgão público, implantando-o em um entorno vegetado, com um grande lago em formato poligonal, destacando volumes importantes da obra: uma rampa externa que se porta mais como uma escultura do que como um elemento obrigatoriamente funcional (Carvalho, 2013, p. 58); um bloco em que está estampado um mural em pastilhas (obra do então engenheiro Alcyr Meira), uma solução artística cada vez mais frequente em obras daquele período.

As janelas em fita, a planta aberta e os pilares esbeltos e pastilhados, conferem leveza ao edifício e os aproximam das premissas clássicas da arquitetura moderna. O conjunto arquitetônico e paisagístico do Setran-PA é tombado desde 2006 em nível estadual, pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, vinculado à Secretaria de Cultura do Estado do Pará (DPHAC-Secult/PA), e encontra-se em um bom estado de conservação.

As obras produzidas a partir da segunda metade do século XX possuíam um incontestável caráter tecnicista que pode ter retroalimentado a nociva ideia de que, *o importante de uma construção é sua execução*<sup>3</sup>. Logo, o processo conceitual de um projeto era etapa frequentemente subestimada pelos clientes, sendo considerado apenas um item já incluso no contrato de construção da obra, por isso, por muito tempo inexistiu a figura do arquiteto como profissional em atividade em Belém (C. Chaves, 2013, p. 5).

No entanto, o repertório projetual de alguns engenheiros atuantes na cidade era enriquecido justamente por referências do campo da arquitetura, fosse por meio de viagens ao exterior, ou mesmo para o eixo sudeste, em que se consolidavam as novas expressões entendidas como “arquitetura moderna brasileira”; ou por meio da leitura de catálogos, livros e revistas de arquitetura (importadas, em sua maioria). Esse contato com o campo da arquitetura aproximou os engenheiros de um processo conceitual cada vez mais ousado.

Camillo Porto de Oliveira era um desses profissionais que transitava entre a engenharia e a arquitetura. Suas obras marcaram a paisagem da cidade com linhas modernas e soluções arquitetônicas arrojadas,

<sup>2</sup> O Diretor desse órgão era o engenheiro Belisário Dias, que também havia encomendado uma casa moderna ao então engenheiro Camillo Porto, cujo projeto é de 1954.

<sup>3</sup> De acordo com engenheiros ativos na década de 1970, entrevistados por Celma Chaves em 2004 (C. Chaves, 2004).

conquistando assim o apreço e contemplando os anseios de renovação aspirados por uma elite liberal em ascensão na cidade.

Diante disso, seu escritório passou a receber muitas encomendas de projeto (residências, edifícios residenciais, prédios comerciais, clubes etc.). Uma dessas emblemáticas encomendas foi o projeto de reforma da sede social do Clube do Remo, na Av. Nazaré, obra tombada pelo (DPHAC-Secult/PA) desde janeiro de 2005. Os clubes representavam os novos hábitos e aspirações dos grupos economicamente privilegiados de Belém. Eram uma opção de lazer fora de casa, em uma época em que as áreas de lazer condominiais não eram uma realidade. Célebres eventos culturais como carnavais, bailes e shows eram realizados nos clubes, fazendo destes um marco afetivo na memória de muitas pessoas.

O Clube do Remo (Figura 5) era um dos principais da cidade naquele momento, e está localizado em um importante eixo de desenvolvimento da arquitetura moderna, uma área nobre frequentada até hoje pela elite local. Assim, não era de se estranhar que Camillo Porto, um dos arquitetos mais prestigiados por esse grupo àquela altura, fosse o escolhido para reformar a sede do clube, no final da década de 1950.



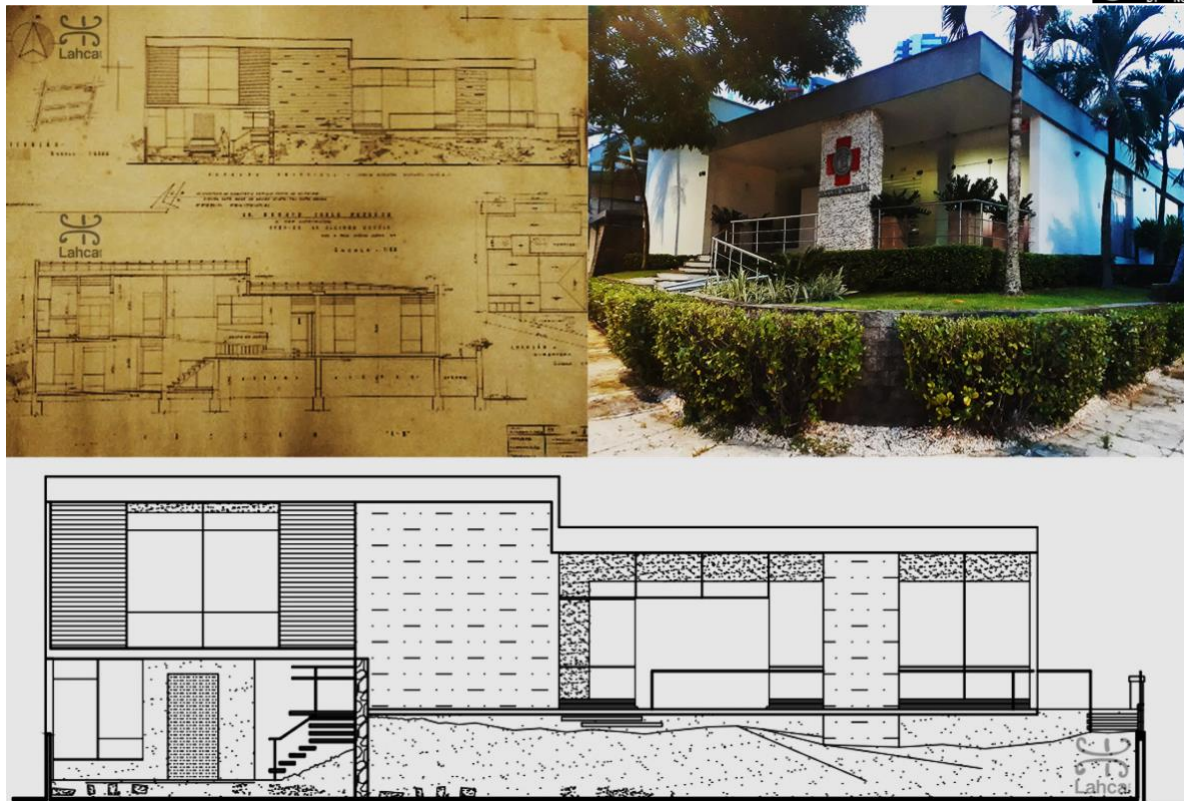
Figura 5. Sede Social do Clube do Remo (1958), de Camillo Porto de Oliveira. Fonte: Celma Chaves, 2020

A fachada com grandes arcos e *brises* revelam a versatilidade do concreto armado e as filiações estéticas com a arquitetura moderna. Os pilotis em V não só sustentam a portentosa marquise, como também a adornam. Destacam-se ainda os grandes planos de vidro no andar superior. O interior do prédio (ainda que não totalmente modernizado pela reforma) abriga detalhes como rasgos poligonais no forro (solução usada por Camillo em obras como a Residência Bittencourt). Os painéis revestidos em pastilhas com motivos esportivos são obra do também engenheiro e arquiteto Alcyr Meira. A sede social do clube do Remo é uma das obras mais representativas da arquitetura moderna em Belém.

O número expressivo de obras deste engenheiro e arquiteto, bem como a distinção técnica e formal de suas obras, dentro de uma cidade ainda ligada a uma estética eclética de influência europeia, fazem do arquiteto e sua obra uma das principais fontes de conhecimento do processo de recepção e difusão da arquitetura moderna em uma cidade amazônica, atestando, assim, a importância de da preservação de suas obras. De acordo com Dias et al. (2017, p. 12), o número de obras encomendadas era tão grande que Camillo, apesar de exímio desenhista, passou a outorgar esta etapa a seus parceiros de escritório, os desenhistas Adamor Couto, Geraldo Mergulhão e Marco Aurélio Teixeira, conforme comprovam as assinaturas nos projetos originais consultados.

Dentre os projetos que integram o acervo doado ao laboratório está o da Residência Chalú Pacheco (Figura 6). Projetada por Camillo Porto em 1963, com desenhos de Adamor Couto, foi uma encomenda do médico Renato Chalú Pacheco. A casa, apesar de não possuir mais uso residencial, está relativamente conservada, pois preservou elementos de distinção desse projeto, tais como o jogo de texturas na fachada (a lisura do reboco branco ao lado das ranhuras do painel em pedra, ainda que não sejam as pedras originais), os degraus de acesso cravejados no jardim de entrada e a volumetria que justapõe blocos de diferentes alturas. As grandes transparências nas fachadas também foram preservadas, seguindo a premissa modernista de continuidade interior-externo.





**Figura 6.** Residência Renato Chalú Pacheco (1963), de Camillo Porto de Oliveira. Em sentido horário: elevação e corte (projeto original), a residência atualmente e fachada da edificação (redesenho). Fonte: Acervo Lahca/UFPA, 1963 (projeto original) e 2017 (redesenho. Autoria: Jacqueline Romaro); Bernadeth Beltrão, 2020 (foto).

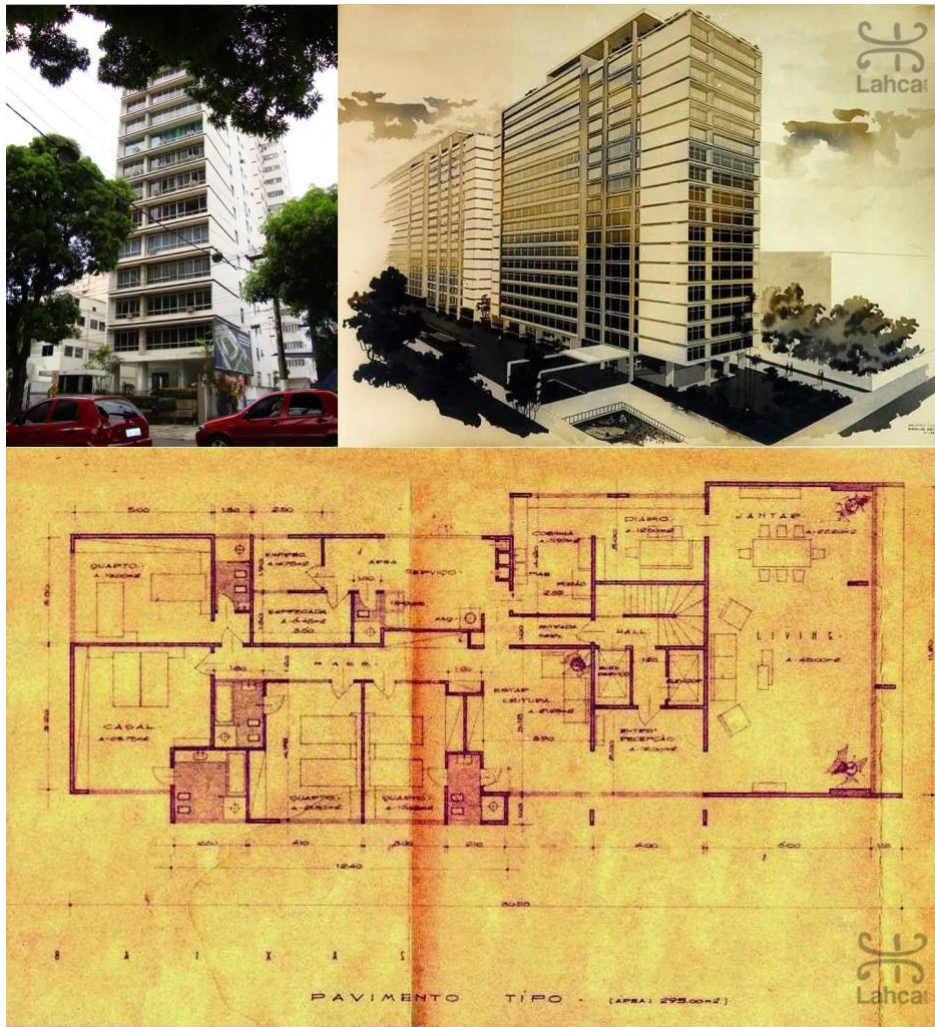
Manteve-se na edificação um elemento *sui generis* da obra de Camillo: a ausência de gradis ou muros de fechamento (algo raro na cidade hoje, devido à insegurança), que permite visualizar da obra por completo. Por estar em um terreno de esquina, essa ausência preserva um certo caráter monumental da casa, atributo valorizado pelo arquiteto, pois funcionava como um elemento divulgador de sua obra. Supõe-se que a conservação de elementos-chave do projeto original pode revelar o reconhecimento, por parte do proprietário, do valor daquela arquitetura singular; ou ainda uma possível identificação daqueles elementos como soluções arquitetônicas contemporâneas, ou seja, que mantêm a obra como atual. Acredita-se que elementos das casas e edifícios modernistas sejam visualmente “cotidianas”, no sentido de que ainda podem ser vistos e produzidos nos dias de hoje (uso do concreto, linhas ortogonalizadas, sem ornamentos etc.).

A década de 1960 abriga dois marcos importantes na cultura arquitetônica em Belém. O primeiro deles foi a criação do curso de Arquitetura na UFPA, em 1964, sendo Camillo Porto um dos responsáveis pela fundação do curso. Isto se deu pois, apesar do impacto e reconhecimento do trabalho do então engenheiro ao longo da década de 50, ele se deparou com as limitações legais de sua profissão, que o impediram de assinar projetos de grande porte como o edifício sede da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), localizado na Av. Almirante Barroso. O Decreto lei nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933, artigo 30 preconizava que aos engenheiros, não cabia a projeção de edifícios considerados “monumentais”; aquela seria uma competência de arquitetos. Este acontecimento revela muito mais a gradativa complexificação do campo profissional da construção civil em Belém do que uma possível substancial mudança no processo projetual dos, agora, engenheiros-arquitetos. Nas palavras de Camillo: “Eu passei isso [o curso de Arquitetura] e praticamente não mudou a minha carreira [...]” (C. Chaves, 2004, p. 48).

Em meados da década de 1960, assiste-se a um novo momento de verticalização no centro da cidade após a entrega do 2º bloco do edifício Manuel Pinto da Silva, inaugurado naquele ano, iniciando um novo eixo de modernização e verticalização rumo a Av. Nazaré e seu entorno. Aquela área assistiu a copa de suas mangueiras serem ultrapassadas por espigões como o Edifício Rainha Esther (1964), de Judah Levy, os Edifícios Banna (Década de 60) e Felícia (1964), de Alcyr Meira, o Edifício Santa Lúcia (Figura 7) projetado em 1965 por Camillo Porto de Oliveira, dentre outros. Assim como as casas térreas de linguagem moderna,



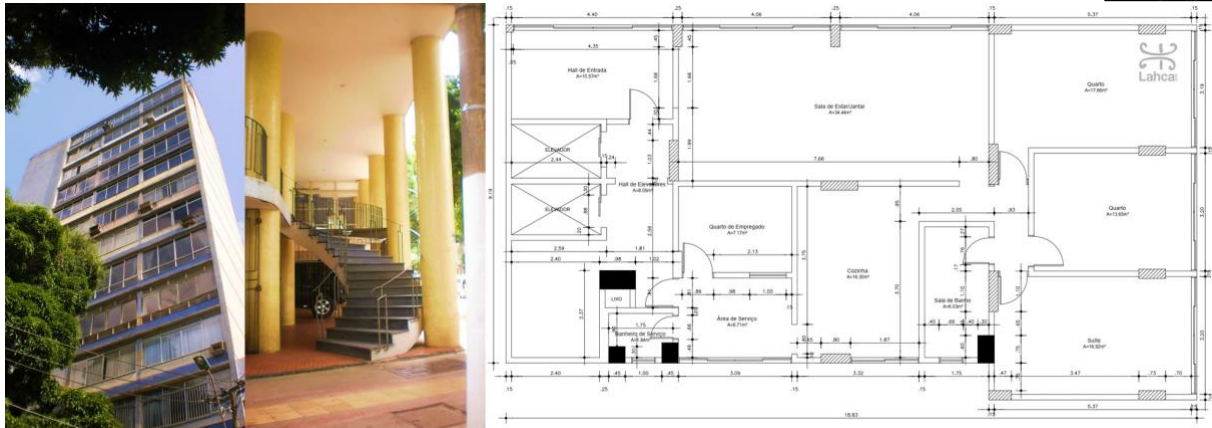
os edifícios refletiam a renovação dos hábitos de morar<sup>4</sup> das elites, além de fornecer a Belém um almejado aspecto metropolitano.



**Figura 7.** Edifício Santa Lúcia (1965), de Camillo Porto de Oliveira. Em sentido horário: fachada do edifício, representação em perspectiva (projeto original) e planta baixa do pavimento tipo (projeto original). Fonte: Acervo Lahca/UFPA, 2014 (foto) e 1965 (projeto original).

De autoria de Alcyr Meira, o Edifício Felícia (Figura 8) é um dos empreendimentos mais refinados e exclusivos do panorama da arquitetura moderna em Belém. Nota-se essa exclusividade em sua localização em área nobre da cidade, por dispor de apenas um apartamento por andar e por possuir detalhes como placas em bronze no térreo, nas quais estão gravados os nomes dos patriarcas de cada família “original” do prédio (primeiros moradores), indicando sua vaga de garagem correspondente.

<sup>4</sup> Ressalta-se, no entanto, que a transição entre casas térreas e edifícios de apartamento não foi imediata, havendo ainda um receio de morar em altura, enfrentar elevadores e sofrer perdas no espaço doméstico (especialmente relacionadas às áreas livres, ajardinadas e/ou contemplativas, como varandas e quintais) (Lemos, 1989). Muda também a relação com os vizinhos – duas ou mais famílias por andar, dezenas de andares. Viver em apartamentos era ressignificar a privacidade a qual se estava habituado nas casas térreas, era se deparar com portarias, *halls* de entrada dentre outros salões de vida comum. Além disso, a realização de edifícios em altura dependia diretamente do uso das novas tecnologias construtivas como o concreto armado, aço, vidro, bem como o uso de elevadores/andaimes nos canteiros de obra (T. A. P. V. Chaves, 2011, p. 22). Frente à dificuldade de adaptação dos moradores, à difícil obtenção e transporte desses materiais de construção e à escassez de mão-de-obra local especializada, afirma-se que o processo de verticalização em Belém foi repleto de condicionantes, subjetividades e processos adaptativos.



**Figura 8.** Edifício Felícia (1963/1964), de Alcyr Meira. À esquerda, detalhe do térreo em pilotis. À direita, planta baixa original do pavimento tipo (redesenho). Fonte: Acervo Lahca/UFPA, 2014.

Eram poucos os prédios que, naquele período, contavam com estacionamento para carros, o que destaca o Felícia dentre os demais edifícios. O térreo em pilotis cilíndricos demarca visualmente o edifício e além de servir como garagem, viabiliza a continuidade do edifício com o exterior, integrando o edifício com o refinado e arborizado entorno. As pastilhas de padrões variados que revestem o térreo e a escada escultórica que conecta ao mezanino, compõem artisticamente o edifício. A linguagem modernista, as proporções dos volumes e o uso de vidraças na fachada do Ed. Felícia (que conferem aos amplos apartamentos uma franca iluminação e conexão com o exterior), dialogam com obras canônicas da arquitetura moderna, como o Edifício Louveira, em São Paulo, de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi.

#### 4. Destruição e construção: das obras à memória do moderno

A Residência Benedito Mutran (Figura 9), também projetada por Camillo Porto em 1965, fornece elementos para se pensar nessa leitura de continuidade da arquitetura moderna, pois muitas “mansões” projetadas, por arquitetos ou não, ao longo da década de 1970 e 1980 em Belém, seguiram linhas e soluções semelhantes às desta casa, levando à consideração de que esta foi uma das obras que contribuiu para que se firmasse um novo cenário construtivo em Belém.



**Figura 9.** Residência Benedito Mutran (1965), de Camillo Porto de Oliveira. À esquerda, a casa no final da década de 1990 (já com uso modificado). À direita, o estado atual da edificação. Fonte: Acervo Lahca/UFPA, c.2000 (à esquerda); Bernadeth Beltrão, 2020 (à direita).

Suas semelhanças com a Residência Chalú Pacheco, revelam-se no jogo de desníveis em sua implantação, no mural de pedras na fachada e no lote na esquina de um bairro nobre de Belém - fatores que acentuam o perfil de monumentalidade das residências. As platibandas que emolduram ambas as casas, em contraste aos planos inclinados que Camillo costumava adotar nas obras anteriores, revelam um outro momento do processo conceutivo do arquiteto, a partir da década de 1960. A inclinação cada vez menor dos telhados, podia estar explicitando a inadequação da costuma cobertura tipo “mariposa” às cargas pluviais da região (C. Chaves, 2008, p. 157), como também podia ter relação com uma mudança de referência projetual – mais afastada do *boom* da Escola Carioca, e agora mais próxima às elementaridades da linguagem moderna, ao passo que o arquiteto passou a utilizar [...]



[...] *materiais naturais, rústicos e imperfeitos. Existe uma texturização, uma “volta à realidade”, que substituem a leveza e a imaterialidade, com ênfase nos volumes, nos materiais industrializados, com acabamento liso, metálico, perfeito, e na cor branca, que marcam o início do Movimento Moderno. Na linguagem do movimento, originalmente, está presente, ainda, a simplicidade, como a imagem que fazemos da máquina, de algo simples e preciso, que utiliza formas geométricas puras. E, principalmente por razões simbólicas, a cobertura deveria ser plana. Podia ser utilizada como jardim e ressaltava o volume da edificação* (Janjullo, 2020, p. 14).

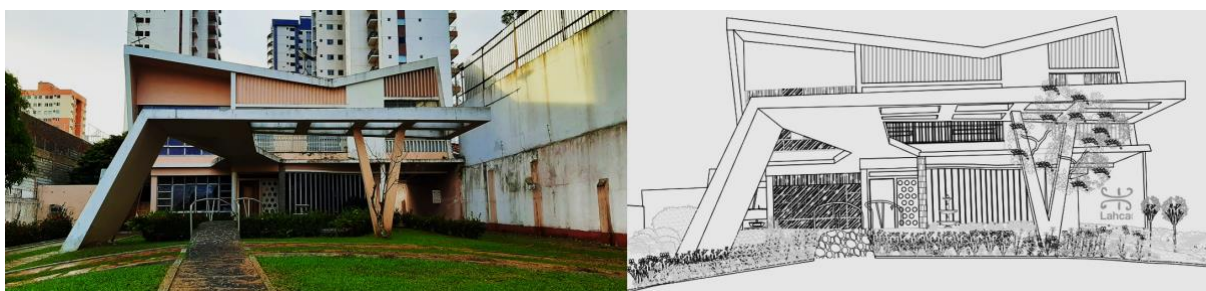
As dimensões generosas e localização em esquina dessa casa, atraem atividades de uso de comércio e serviços, responsáveis por significativas descaracterizações no imóvel. Em 2018, o novo empreendimento ali sediado foi responsável por modificações que afetaram explicitamente a fachada da residência, exigindo intervenção de órgão governamental competente. Foi então solicitado ao Lahca a elaboração de um projeto de recomposição volumétrica que atendesse ao novo uso previsto, porém respeitando a legibilidade do projeto original da casa (com base em sua aparência ao longo dos últimos 10 anos, aproximadamente). A Residência Benedito Mutran, portanto, é um exemplo da viabilidade e urgência das discussões, nos órgãos públicos, sobre o reconhecimento do patrimônio moderno.

As várias desapareções de obras modernas em Belém nos últimos anos atestam a pouca atenção a elas dispensada pelas esferas competentes, mas expressa, sobretudo, o não reconhecimento dessa arquitetura pela sociedade em geral, como patrimônio arquitetônico na cidade. Os fatores que concorrem para tais apagamentos são de várias ordens, porém, sabe-se que entre esses está o fato de que muitas dessas obras terem sido ou ainda serem propriedades de famílias abastadas da cidade de outrora, obras estas que possuem extensos programas arquitetônicos, fartas áreas de terreno e localização privilegiada, e que, portanto, passaram a ser reconhecidos como espaços lucrativos para o setor imobiliário, um dos mais interessados em adquirir esses imóveis cujo fim, normalmente, é a demolição.



**Figura 10.** À esquerda, Distribuidora Albano Martins (1960/1961), de Camillo Porto de Oliveira. À direita, Edifício Neon (2011), por Quadra Engenharia. Fonte: Acervo Lahca/UFPA, c.199 – (à esquerda); Google Street View, 2020 – (à direita).

Nesse cenário, é comum que os proprietários dessas casas, normalmente de grandes dimensões, por vezes desocupadas e construídas em amplos terrenos, realizem seu fracionamento, multiplicando os usos e a renda nesse mesmo espaço. Dessa forma, o aproveitamento do lote para criação de empreendimentos verticais de alto padrão, tornou-se justificativa para sua aquisição. Ilustra-se com o caso da distribuidora Albano Martins (Figura 10), demolida há pouco mais de dez anos, para a construção do edifício vertical de uso residencial de alto padrão e o da Residência Bittencourt (Figura 11), a qual, também está ameaçada sob o mesmo pretexto, e encontra-se em processo de negociação com o novo proprietário para finalmente ser objeto de tombamento e proteção na esfera municipal e/ou estadual.



**Figura 11.** Residência Bittencourt (Década de 1950), de Camillo Porto de Oliveira. À esquerda, foto da edificação. À direita, redesenho da fachada. Fonte: Rebeca Dias, 2020 (foto); Acervo Lahca/UFPA, 2014 (redesenho. Autoria: Renan Luiz).



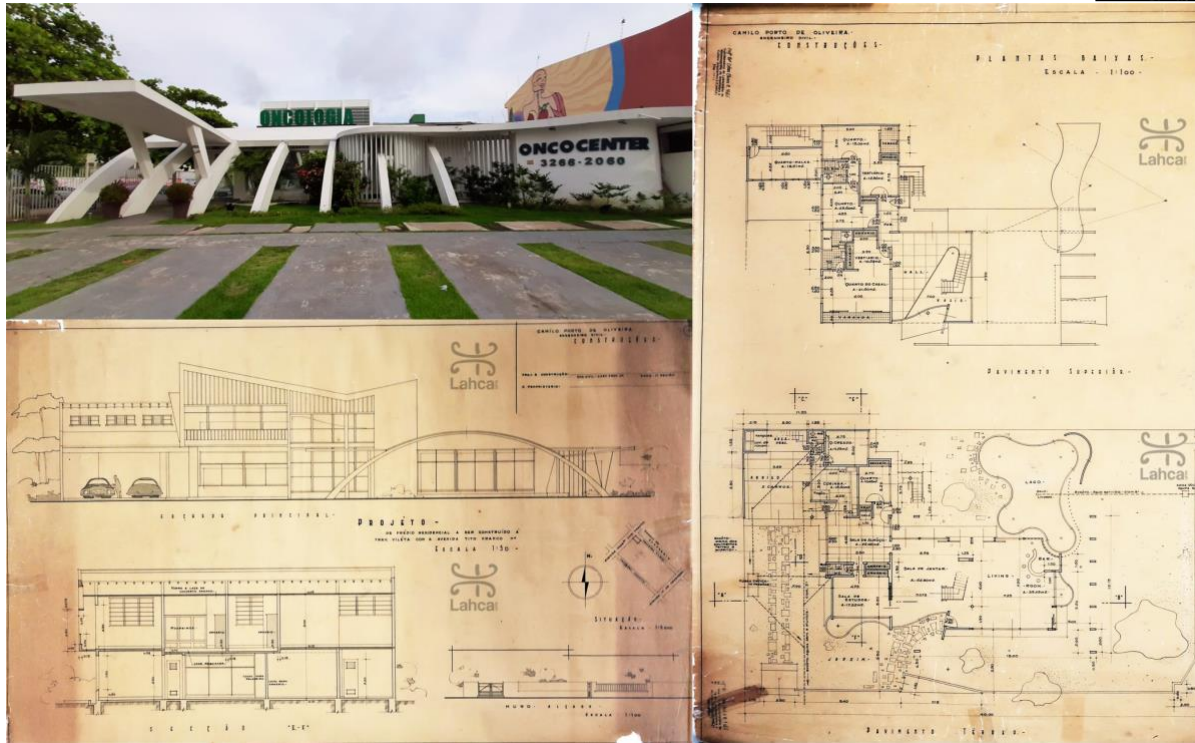
Outras formas de desaparecimento dessa arquitetura vão se dando lentamente e de forma silenciosa, como a descaracterização paulatina que se verifica nos espaços internos das edificações – foi o caso da Residência Jean Bitar (Figura 12), projeto de Camillo Porto de Oliveira. Inicialmente, a casa passou por um processo de descaracterização interna para se adaptar aos usos de uma instituição escolar, o já inexistente Colégio Atual. Contudo, após a mudança de endereço da escola, a residência foi demolida para a construção de uma agência bancária.



**Figura 12.** Residência Jean Bitar (1956), de Camillo Porto de Oliveira. Em sentido horário: a edificação já com uso modificado, cortes longitudinal e transversal (redesenhos) e plantas baixas do pavimento térreo e pavimento superior (projeto original).  
Fonte: Acervo Lahca/UFGA, c.2000 (foto), 2018 (redesenho. Autoria: Ronaldo Moraes) e 1956 (projeto original).

Provavelmente, a manutenção dessas edificações torna-se pouco viável para seus proprietários, que em sua maioria já não mais ali residem, possivelmente por seus novos modos de vida não se adequarem aos programas arquitetônicos destas residências, o que também sugere o estado de obsolescência funcional de seus espaços (Tostões, 2013), sendo mais rentável sua venda ou aluguel para usos diversos.

Esta é uma questão posta à mesa nas discussões recentes sobre os usos e reúsos da arquitetura moderna (Tostões, 2013), e a questão da adaptação às novas atividades, aos novos contextos, mantendo a vitalidade desse patrimônio, também têm merecido estudos e reflexões (Tinem, 2014; Amorim, 2007). Em circunstância análoga, encontra-se a residência Belisário Dias (1954), localizada em uma importante avenida em direção à saída da cidade; e que apresenta várias alterações internas e externas, e modificações de usos (Figura 13). Essa descaracterização volumétrica, de transformações de espaços internos, áreas e elementos externos, continua a favorecer, mais uma vez, a dinâmica imobiliária, a qual impele tais mudanças, mascaradas como adaptações em detrimento da proteção do patrimônio moderno.



**Figura 13.** Residência Belisário Dias (1954), de Camillo Porto de Oliveira. Em sentido horário: fachada da edificação atualmente, plantas baixas do pavimento térreo e superior (projeto original) e cortes longitudinal e transversal (projeto original).  
Fonte: Rebeca Dias, 2020 (foto); Acervo Lahca/UFPA, 1954 (projetos originais).

Nessa cadeia de incremento dos dividendos imobiliários, tem-se como consequência a perda gradativa de parte da memória coletiva, ao não se considerar essas arquiteturas como pertencentes ao patrimônio integrante da história e da cultura da cidade. O que não se conhece, não é reconhecido e, consequentemente, não é protegido. Cabe questionar-se se o curto distanciamento temporal entre essas obras e o tempo presente, se comparadas a outras já afiançadas como patrimônio, tais como a arquitetura do ecletismo, pode ser um fator para a ausência de empatia a esse bem patrimonial de interesse à preservação.

Como visto, os meios de destruição da arquitetura moderna na capital paraense não se limitam ao capital imobiliário, sustentam-se e se disseminam em camadas culturais e históricas que resultam da ausência de conhecimento, identificação e apropriação dessas obras como parte da história da cidade, tanto em nível de indivíduos como de grupos sociais.

Como exemplo desses fatores, cita-se a Residência Gabbay (Figura 14), obra da década de 50, de autoria do engenheiro português Laurindo Amorim. Situada no entorno do centro histórico, até os dias atuais não mereceu a atenção dos órgãos preservacionistas, embora apresente interessantes soluções compositivas e funcionais que caracterizavam as arquiteturas desse período como os elementos vazados, painel de azulejos na fachada e marquise suportada por pilotis em V.



**Figura 14.** Residência Gabbay (Década de 1950), de Laurindo Amorim. À esquerda, foto da fachada. À direita, redesenho da fachada.  
Fonte: Celma Chaves, 2018 (foto); Acervo Lahca/UFPA, 2014 (redesenho. Autoria: Larissa Garcia e Rebeca Dias)

Nota-se a característica dicotômica comum no moderno em Belém, de ser presente-invisível, a partir do momento em que as obras são percebidas fisicamente, porém são invisíveis aos olhos da sociedade como bem a ser preservado e conservado. Com essa invisibilidade, facilitam-se as modificações tanto de uso, quanto físicas que resultam na descaracterização dos edifícios, retalhamento dos terrenos onde estão implantados, até a desaparecimento espacial completa dessas arquiteturas, que vão se tornando simulacros e/ou vestígios de uma época; produções arquitetônicas ainda não reconhecidas pela sociedade, fadadas ao limbo do esquecimento histórico e cultural ou pior, normalizadas como algo que para muitos, nunca existiu, pelo menos como patrimônio.

## 5. À guisa de conclusão

O artigo buscou evidenciar a relevância de se conhecer mais sobre a arquitetura moderna, suas técnicas, expressões compositivas, clientes a quem se destinou, inserção das obras na paisagem da cidade, representação no meio social onde se inserem etc., com a finalidade precípua de defender sua permanência e valor como objeto de memória e história da cidade. A documentação, análise e divulgação desse patrimônio edificado, é indispensável para visibilizar essas obras e para reforçar perante a sociedade e os órgãos preservacionistas, a delicada situação de muitas delas e a necessidade urgente de se fazer algo para sua proteção e conservação.

Nesse sentido, como consequência das pesquisas e de construção de registros empreendidos, suscitaram-se diálogos com as instâncias responsáveis<sup>5</sup> por sua preservação, no intuito de romper as fronteiras que separam as práticas de pesquisa e de visibilização dessas obras, e a possibilidade de efetivamente contribuir com ações que as defendam e preservem, e que possibilitem uma tomada de consciência de sua importância tanto pelo poder público, como por moradores e proprietários; que a vontade de recuperá-las seja de todos os envolvidos.

As obras aqui apresentadas constituem apenas uma pequena parte de um conjunto diversificado de expressões do moderno em Belém, que inclui outras construções que também merecem ser visibilizadas e incluídas, como as casas projetadas e construídas por profissionais que não participavam do circuito formal ou oficial de produção da arquitetura moderna, mas que assimilaram seus princípios, manifestando uma rica diversidade tipológica (Lima, 2019) ou outras edificações que apresentam destacadas contribuições ao processo de modernização da cidade, como o edifício Bern do engenheiro Judah Levy (provável construção de 1934) e a antiga sede do IAPI, obra do arquiteto Edmar Penna de Carvalho (1950-1951), que hoje se encontram em completo estado de abandono.

Considera-se a história desses edifícios como parte da história cultural, material, política e social da cidade de Belém, e cabe a nós, pesquisadores e pesquisadoras, trazer à luz os testemunhos dessa história, já que os processos de apagamento se dão muito mais rápido do que a construção de uma base historiográfica (C. Chaves, Beltrão & Dias, 2019), e de ações que promovam a inclusão de novos exemplares nas listas dos bens imóveis a serem protegidos nas esferas públicas competentes.

## 6. Referências

- Amorim, L. A. (2007). *Obituário arquitetônico. Pernambuco modernista*. Recife: Laboratório de Estudos Avançados em Arquitetura /UFPE/Delfim Amorim Instituto /FUNCULTURA.
- Brant, J. N. C. (2012). *A construção social do campo da arquitetura moderna em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Bourdieu, P. (2006). *A Distinção*. São Paulo: Zouk/Edusp.
- Bourdieu, P. (1989). *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Edifício Bertrand Brasil.

---

<sup>5</sup>Estão em andamento o processo, encaminhado pelo Lahca, de solicitação de tombamento da Residência Bittencourt (obra do engenheiro e arquiteto Camillo Porto), junto às esferas estadual e municipal, bem como a elaboração, pelo mesmo laboratório, de documento que solicita tombamento de obras e/ou conjunto de obras modernas, a pedido do Iphan-PA.



Carvalho, B. M. de (2013). *Arquitetura Pública Moderna: Uma Caracterização entre Tipologia e Lugar na Cidade de Belém* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

Chaves, C. (2004). *Arquitectura en Belém entre 1930 - 1960: Modernización con lenguajes cambiantes* (Tese de Doutorado). Universidad Politécnica de Cataluña. Barcelona, CA, Espanha.

Chaves, C. (2008). Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. *Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, (8), 145-163. doi: 10.11606/issn.1984-4506.v0i8p145-163

Chaves, C. (2013, novembro). Projetar, construir, ensinar: sobre a cultura arquitetônica em Belém (1938-1964). *Anais do 3º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação*. Belo Horizonte, MG, Brasil, 3. Recuperado de <https://drive.google.com/file/d/0B9Eu9gtLU8xGOE0tSm1ET001cGs/view?usp=sharing>

Chaves, C. (2016). Experiências do Moderno em Belém: construção, recepção e destruição. *VI/RUS*, 12(1), 1-15. Recuperado de <http://www.nomads.usp.br/virus/virus12/?sec=4&item=11&lang=pt>

Chaves, C., Beltrão, B., & Dias, R. (2019). Dossiê Docomomo-PA [Documentação para criação do Núcleo Docomomo Pará]. *Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica – Universidade Federal do Pará*. Belém, PA, Brasil. Recuperado de [https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/dossie%CC%82-completo-Docomomo\\_PA.pdf](https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/dossie%CC%82-completo-Docomomo_PA.pdf)

Chaves, T. A. P. V. (2011). *Isto Não é Para Nós? Um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil. Recuperado de [https://drive.google.com/file/d/1Z8ohQqBAerWGiHPICKAA\\_Nq-0Jpgauuy/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1Z8ohQqBAerWGiHPICKAA_Nq-0Jpgauuy/view?usp=sharing)

Dias, R., Souza, G., Gonçalves, R., Oliveira, L., Romaro, J., Sousa, F., & Chaves, C. (2017, março). O Percurso da Modernidade Arquitetônica de Camillo Porto de Oliveira: Da Diversidade à Simplificação Formal. *Anais do II Seminário de arquitetura moderna Na Amazônia*, Palmas, TO, Brasil, 2. Recuperado de [https://drive.google.com/file/d/1HxyfEnZ6Xq6UMaj-nPE4h7iaHBZvyJ\\_r/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1HxyfEnZ6Xq6UMaj-nPE4h7iaHBZvyJ_r/view?usp=sharing)

Coulquhoun, A. (2005). *La arquitectura moderna. Una historia desapasionada*. Barcelona: Gustavo Gili.

Gastón, C., & Rovira, T. (2007). *El proyecto moderno: Pautas de investigación*. Barcelona: UPC.

Gorelik, A. (2011). La modernidad y sus supuestos. In: L. Muller, *Modernidades de Provincia: Estado y Arquitectura en La Ciudad de Santa Fe, 1935-1943* (Prefacio, pp. 9-12). Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2011.

Hernández, M. (2014). *La casa en la arquitectura moderna. Respuesta a la cuestión de la vivienda*. Barcelona: Editorial Reverté.

Janjulio, M. S. (2020). Arquitetura e consumo no Pós-Segunda Guerra Mundial: os paralelos Brasil-EUA. *Oculum Ensaios*, 17(1), 1-16. doi: 10.24220/2318-0919v17e2020a4328

Kamita, J. M. (2004). A casa moderna brasileira. In: E. Andreoli, & A. Forty (orgs.), *Arquitetura moderna brasileira* (pp. 142-169). Nova York: Ed. Phaidon.

Karnal, L., & Tatsch, F. G. (2017). A memória evanescente. In: C.B. Pinsky, & T.R. Luca (Orgs.), *O historiador e suas fontes* (pp. 9-28). São Paulo: Editora Contexto.

Le Goff, J. (2012). *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp.

Lemos, C. A. C. (1989). *História da casa brasileira*. São Paulo: Editora Contexto.

Lima, R. A. de (2019). *As variações do morar moderno e a assimilação da arquitetura moderna em residências de Belém entre as décadas de 1950 e 1970* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará. Belém, PA, Brasil. Recuperado de <http://ppgau.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2019/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Rodrigo%20Augusto%20de%20Lima%20Rodrigues.pdf>

Lima, R. A. de, & Chaves, C. (2020). *O patrimônio moderno em Belém. Em defesa de sua proteção e conservação - Contribuições ao Plano Diretor de Belém* (Relatório impresso). Belém: Lahca/UFGPA.

Naslavsky, G., & Marques, S. M. de B. (2011, junho). Recepção x difusão: reflexões para a preservação do patrimônio recente. *Anais do 9º Seminário Docomomo Brasil*, Brasília, DF, Brasil, 9. Recuperado de [https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/142\\_M20\\_RM-RecepcaoXDifusao-ART\\_guilah\\_naslavsky.pdf](https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/142_M20_RM-RecepcaoXDifusao-ART_guilah_naslavsky.pdf)

Norberg-Schulz, C. (2005). *Los principios de la arquitectura moderna: sobre la nueva tradición del siglo XX*. Barcelona: Editorial Reverté.

Stevens, G. (2003). *O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica*. Brasília: UnB.

Tafuri, M. (2011). Arquitetura e historiografia. Uma proposta de método. *Desígnio - Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo*, 11/12(1), 19-28. Recuperado de <https://onedrive.live.com/?authkey=%21ABuk87VWfXsnmPs&cid=A7C67920D03C0DBF&id=A7C67920D03C0DBF%211715&parId=A7C67920D03C0DBF%211589&o=OneUp>

Tinem, N. (2014). Preservação e documentos de projetos modernos construídos na Paraíba: registros. In: N. Tinem, & M. Cotrim (orgs.), *Na urdidura da modernidade. Arquitetura moderna na Paraíba I* (pp. 188-211). João Pessoa: FA Gráfica e Editora/PPGAU-UFPB, Col. Arquitetura, Historiografia e projeto.

Tostões, A. (2013). Patrimônio moderno: conservação e reutilização como um recurso. *Revista Patrimônio*, 1 (1), 44-53. Recuperado de [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publication\\_pdfs/rp/revista\\_rp\\_web.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publication_pdfs/rp/revista_rp_web.pdf)

Waisman, M. (2013). *O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. São Paulo: Perspectiva.